

**III Congresso da APA – Associação Portuguesa de Antropologia:
Afinidade da diferença**

Painel: *Percursos e Testemunhos em Antropologia de Educação*

**6 a 8 de Abril de 2006
Lisboa**



Para mais informações:

<http://www.apantropologia.net/publicacoes/actascongresso2006/ActasCompletas.pdf>

III Congresso da APA – Associação Portuguesa de Antropologia: Afinidade da diferença

Painel: *Percursos e Testemunhos em Antropologia de Educação*

**6 a 8 de Abril de 2006
Lisboa**

Ricardo Vieira

A Antropologia da Educação em Portugal: conceito e contexto

No início dos anos 80, a Licenciatura em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa frequentava uma cadeira optativa de Antropologia da Educação¹ leccionada pelo professor Viegas Tavares, que acumulava a docência com a de quadro superior no Ministério da Educação.

Num artigo de 1985, Manuel José Alves Viegas Tavares resumia assim a Antropologia da Educação: *“A Antropologia da Educação analisa as relações escola/comunidade e as suas implicações no processo de enculturação dos jovens. Aplicando os métodos de pesquisa e análise de ciências afins, mas centrando-se sempre no método etnográfico de observação participante na análise dos processos educacionais, visa contribuir para a solução de problemas da prática e da política educativa”* (Tavares, 1985: 53). Viegas Tavares veio a fazer o seu doutoramento sobre o insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal².

Paralelamente, Jorge Crespo desenvolvia também uma cadeira optativa de Antropologia do Jogo. De resto, como ele próprio diz, *“Nas sociedades tradicionais, os jogos integravam-se no complexo de cerimónias cíclicas através das quais as crianças e os jovens se apropriavam da cultura das suas comunidades. Em particular, nos ciclos do Inverno e da Primavera, destacam-se os jogos que constituíam experiências*

¹ No ano lectivo de 1983/84 eu próprio fui seu aluno e desenvolvi para avaliação final um pequeno trabalho de pesquisa etnográfica numa escola de Lisboa com o financiamento do Ministério da Educação (cf. currículo vitae que integra estas provas de agregação).

² TAVARES, Manuel Viegas (1998). O insucesso escolar e as minorias étnicas em Portugal: uma abordagem antropológica da educação, Lisboa: Piaget.

fundamentais da morte e da vida, no processo cíclico de reestruturação do mundo. Nestes casos, o jogo é um dos elementos mais importante na formação das personalidades, no domínio das relações com os outros, espaço e tempo da liberdade favorável à inovação e transformação da realidade” (Crespo, 1999: 7).

Terminada a minha licenciatura, e depois de 2 anos a ensinar Geografia e Antropologia no Ensino Secundário³, vim a ingressar na Escola Superior de Educação de Leiria⁴ que tinha iniciado a sua função docente há apenas um ano. Todos os cursos de então⁵, incluíam nos seus *curricula* a disciplina de Introdução às Ciências Sociais, no 1º semestre, sendo que os cursos de Educadores de Infância e Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico tinham, depois, no 1º semestre do 2º ano, Antropologia Cultural. Fui convidado a construir o programa de Antropologia Cultural e fi-lo, em 1987, com uma 2ª parte que, depois das noções operatórias básicas da Antropologia Geral e das Ciências Sociais, apontava para o estudo do processo educativo embora, na altura, não tivesse formação suficiente para ir além do Culturismo Americano e da escola de cultura e personalidade. Os livros obrigatórios de então, lembro-me, era o célebre “Padrões de Cultura” de Ruth Benedict e “os conflitos e Gerações” de Margaret Mead. No ano de 1988, integrei a comissão organizadora das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional, no ano de 1988, a 10, 11 e 12 de Novembro. A minha preocupação com o cruzamento da Antropologia com a educação era de tal forma já considerável na altura que consegui que a manhã do primeiro dia fosse inteiramente dedicada ao tema da Antropologia e Educação. Os conferencistas convidados para esta sessão foram os professores Raul Iturra do ISCTE que apresentou a conferência “A passagem da oralidade à escrita na formação do saber: o mito do insucesso escolar” e Augusto

³ Na área de Estudos Humanísticos, ramo de Jornalismo e Turismo, o Ensino Secundário os alunos tinham, obrigatoriamente, de cursar Antropologia. O programa e o manual mais divulgado era, na altura, da autoria de Augusto Mesquitela Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho. Os professores de Antropologia Cultural, do 10º ano, não tinham habilitação própria nem formação específica em Antropologia, “*tendo sido na sua generalidade, os professores de Geografia, encarregues de a leccionar – o que nem sempre fazem com gosto, mas apenas por necessidade de complemento de horário, pois o número de aulas de Antropologia não chega para formar um horário lectivo normal de 22 horas*” (Souta, 1982: 52).

“Entretanto, a disciplina de Antropologia Cultural desapareceu com a nova reforma curricular, tendo deixado de ser leccionada em 1993/94”(Santos e Seixas, 1997: 116).

⁴ No ano lectivo de 1987/88

⁵ poucos na altura: Formação de Professores para o 1º Ciclo, Educadores de Infância, Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico, variante de Português/Francês.

Mesquitela Lima da FCSH – Universidade Nova de Lisboa, que apresentou a conferência “A Antropologia e o Sistema Educativo⁶”.

É preciso recordar que as Escolas Superiores de Educação (ESEs) nasceram a partir dos Magistérios Primários que, há já alguns anos, tinham também nos currículos da formação de professores e de educadores de infância, a disciplina de Antropologia Cultural muito desenvolvida em torno da obra de Herskovits “Man and his Works”, traduzida em edição brasileira por “Introdução à Antropologia Cultural” em 3 tomos que basicamente constituíam o manual da disciplina, um pouco por todos os Magistérios do País, numa tentativa de relativizar a mente dos futuros professores e educadores.

O corpo docente das emergentes Escolas Superiores de Educação foi alimentado, basicamente por todo o país, por professores que haviam feito os seus mestrados em Ciências da Educação, financiados por um projecto do Banco de Portugal, ora no Estados Unidos da América, na Universidade de Boston, ora em França, na Universidade de Bordéus. Os que fizeram as suas especializações em Análise Social da Educação ou em Metodologia dos Estudos Sociais são, provavelmente, os docentes que estão na origem das disciplinas de Análise Social da Educação, Sociologia da Educação e Antropologia da Educação dos currículos de formação das ESEs. Nalgumas escolas surgiu mesmo a disciplina de Sócio-Antropologia, como é o caso de Castelo Branco, leccionada por Luís Costa. Na ESE de Setúbal foi criada a disciplina de Antropologia da Educação, que funcionou pela primeira vez no ano lectivo de 1988/89, e cuja coordenação tem sido assegurada por Luís Souta, também ele Mestre em Ciências da Educação⁷ pela Universidade de Bóston. Na ESE de Leiria surgiu a Antropologia da Educação como disciplina optativa dos cursos de Formação de Professores para o 1º Ciclo e de Educadores de Infância, em 1992, sob proposta de Ricardo Vieira⁸.

Outras Escolas Superiores de Educação e Universidades públicas e privadas, embora não tendo especificamente Antropologia da Educação nos seus currículos, acabam por ter algumas disciplinas viradas para a questão da educação e diversidade cultural que,

⁶ Estes textos, e os demais foram publicados nas Actas das I Jornadas de Antropologia e Etnologia Regional, dias 10, 11 e 12 de Novembro de 1988, Leiria: Escola Superior de Educação.

⁷ Luís Souta, Professor Coordenador da ESE de Setúbal, é, no entanto, licenciado em Antropologia e, actualmente, está a concluir o seu doutoramento em Antropologia da Educação no ISCTE.

⁸ Ricardo Vieira, sem qualquer grau em Ciências da Educação, desde muito cedo que orientou a Antropologia (licenciatura) para a questão da educação e da diversidade cultural e para a legitimação da Antropologia da Educação (tese de mestrado e de doutoramento) sob a orientação do Doutor Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE.

inevitavelmente, não podem/devem perder a experiência da Antropologia nessas matérias⁹.

Entre 1993 e 1997, a secção de Antropologia da Educação da APA. – Associação Portuguesa de Antropologia, presidida pelo professor Raul Iturra e da qual eu próprio fazia parte, reuniu várias vezes com o Ministério da Educação a propósito da habilitação própria para leccionar no Ensino Secundário e de outras saídas profissionais dos Antropólogos no ensino: Área-Escola, criada pelo Decreto-Lei 286/89, definida como uma área curricular não disciplinar e os TEIP (Territórios Educativos de Intervenção Comunitária) criados pelo Despacho 147-B/ME/96.

É inegavelmente, a Raul Iturra que se deve o *boom* do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal. Em 1987 Raul Iturra dava o grande pontapé de saída com o trabalho de campo com observação participante, iniciado em VilaRuiva, com Filipe Reis, Pulo Raposo, Nuno Porto e Berta Nunes. Aproveitavam o tempo livre que a escola concedia às crianças para fazerem actividades com elas a fim de compreender as suas representações sociais e conhecimento local. Assim, brincavam à família, ao hospital, à doença, etc.. Compravam cadernos, papel e lápis e faziam com as crianças os trabalhos de casa. Iturra, através da metodologia das genealogias, levava os alunos a pensar a sua história, o património dos pais, terras, os animais etc¹⁰. (cf. Iturra e Reis, 1990 e Iturra, 2000). Dessa investigação foram publicados, na colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, os seguintes livros: *Fugirás à Escola Para Trabalhar a Terra: Ensaio de Antropologia Social Sobre o Insucesso Escolar* de Raul Iturra (1990a); *A Construção Social do Insucesso Escolar: Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva* de Raul Iturra (1990b); *O Corpo, a Razão, o Coração: A Construção Social da Sexualidade em Vila Ruiva* de Nuno Porto (Porto; 1991); *Corpos, Arados e Romarias: Entre a Fé e a Razão* em Vila Ruiva de Paulo Raposo (Raposo, 1991); *Educação, Ensino e Crescimento: O Jogo Infantil e a Aprendizagem do Cálculo Económico em Vila Ruiva* de Filipe Reis (Reis, 1991); *O Saber Médico do Povo* de Berta Nunes (Nunes, 1997).

⁹ Ver a este propósito a obra “Nos Bastidores da Formação: Contributo para o Conhecimento da Situação Actual da Formação de Adultos para a Diversidade em Portugal”, de Carlinda Leite, Rosa Madeira, Rosa Nunes e Rui Trindade, coordenada por Luíza Cortesão (Cortesão, 2000). O trabalho de Carlos Cardoso, professor da Escola Superior de Educação de Lisboa, é notável sobre a questão da escola e das propostas inter/multiculturais.

¹⁰ Ver entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista *Arquivos da Memória* do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, n.º 6/7.

Vieram a juntar-se a estas publicações a *Escola e Aprendizagem para o Trabalho num País da (Semi)periferia Europeia* de Stephen Stoer e Helena Araújo (Stoer e Araújo, 1992); e *Entre a Escola e o Lar: O Currículo e os Saberes da Infância* de Ricardo Vieira (Vieira, 1992).

É de assinalar aqui, ainda em termos do desenvolvimento da Antropologia da Educação em Portugal, ainda que de uma forma mais interdisciplinar, em particular com a Sociologia da Educação, o aparecimento da revista *Educação, Sociedade e Culturas*, em 1994, propriedade da *Associação de Sociologia e Antropologia da Educação*, dirigida pelo professor Stephen Stoer e que, em termos de secretariado de redacção e conselho de redacção, integra vários sociólogos, cientistas da educação e antropólogos (Raul Iturra desde o primeiro número¹¹, Ricardo Vieira, desde o segundo e, mais tarde, Filipe Reis, Paulo Raposo, Luís Souta e Amélia Frazão-Moreira). Esta revista, que tem tido um forte pendor etnográfico, saiu, no seu primeiro número, com seis artigos que abordam temas variados: “*O primeiro artigo [da autoria de Stephen Stoer] aborda a construção, possivelmente “contra-hegemonia”, do conceito do professor inter/multicultural através do campo da recontextualização pedagógica. A seguir, apresentamos dois artigos que estudam o processo de aprendizagem nas crianças como forma de produção e construção de novos saberes e poderes: enquanto o artigo de Raul Iturra ensaia ideias sobre a natureza do processo educativo, o artigo de Georges Augustin lança um olhar antropológico sobre o jogo de berlindes. O artigo de Luiza Cortesão e colaboradores apresenta uma análise das histórias contadas por crianças luso-brancas e luso-ciganas, que vivem no que é denominada «uma situação de ghetto sócio-cultural», como tentativa de aceder a uma compreensão dos seus quotidianos. Na base de um conhecimento da evolução de instituições de ensino técnico, encontramos, no artigo de Sérgio Grácio, uma proposta para um modelo explicativo dos graus de autonomia ou de heteronomia nas relações das instituições de ensino com as instituições económicas o mercado de emprego. Finalmente, Augusto Santos Silva, recusando uma visão linear e sucessiva de mudança, apresenta-nos uma reflexão crítica sobre o conceito e as teorias da mudança social*”.(Stoer, editorial do primeiro número da revista, p.5).

¹¹ Contudo, Ricardo Vieira colaborou na organizou da secção Diálogos sobre o Vivido, sobre a temática “sistemas de avaliação do alunos do Ensino Básico”, conjuntamente com Telmo Caria e Ana Benavente.

3. Investigação e Ensino da Antropologia da Educação no ISCTE.

“Este objectivo de entender a racionalidade reprodutiva tem-me levado da Antropologia Económica à Antropologia da Educação, passando, pelo meio, por criar, em conjunto com uma equipa que angariei enquanto colaborava na fundação do departamento do ISCTE, uma Antropologia Urbana, uma Antropologia do Turismo, Antropologia da Sexualidade, Antropologia do Género.

[...] Eu queria entender a racionalidade daquelas estratégias reprodutivas. Isso levou-me, por insistência de Paulo Raposo, que fez comigo trabalho de campo, ou o Filipe Reis, ou o Nuno Porto, a meter-me por uma ideia feliz daquela equipa: como é a epistemologia do lar, a epistemologia dos seres humanos, através do que é que pensam e como pensam as crianças acerca do que acontece na sua casa. Então, inventámos os ATL, os tempos livres, e, a partir das brincadeiras e jogos passámos a analisar, começámos a brincar com as crianças. As crianças vêem o mundo através dos olhos dos adultos, porque a criança não tem ainda conceitos, trata mal os conceitos. [...] As crianças entendem o mundo da forma que os pais o entendem, tanto assim que os inimigos dos pais, as crianças não entendem porquê mas são também seus inimigos”¹².

“A criança não é o domínio de ninguém, é do domínio dela própria. A cultura está dividida em duas partes: a dos adultos e a da infância, só que ninguém dá por isso”¹³

A Antropologia da Educação, em termos de investigação, emergiu no ISCTE pela mão de Raul Iturra que assim foi progredindo da Antropologia Económica para o estudo da aprendizagem e transmissão cultural para além da escola e para o estudo da mente cultural e da epistemologia da criança (Iturra, *passim*).

A leccionação em cadeira autónoma viria a acontecer no ISTE, pela primeira vez, no ano lectivo de 1994/95, mas foi precedida de muita investigação financiada pelo INIC e pela FCT e de muito debate no país e no estrangeiro.

A propósito da primeira obra da colecção *A Aprendizagem Para Além da Escola*, Pedro Silva, numa recensão bibliográfica da obra atrás citada de Stoer e Araújo (Stoer e Araújo, 1992), incluída na mesma, diz que “o primeiro livro (Iturra, 1990a), *um conjunto de ensaios, corresponde ao espraiar do pensamento teórico do autor na perspectiva da afirmação de uma Antropologia da Educação. Trata-se de um pensamento radical, elaborado numa linguagem não hermética, que se debruça sobre a*

¹² Extracto de entrevista dada por Raul Iturra em 1999 a Ana Levy Aires, Ana Felisbela Lavado e Paula Godinho para a revista *Arquivos da Memória do Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa*, n.º 6/7, p. 129.

¹³ Entrevista dada por Raul Iturra aos cadernos de *Educação de Infância*, n.º 62, Abril/Maio/Junho de 2002, p. 4.

complexa relação entre o «saber letrado» (da escola) e a «mente cultural» (rural)” (Silva, 1994: 186).

Já antes, no trabalho de campo em VilaTuxe, em 1970 e em 1974, Raul Iturra reconhece¹⁴ que, ao estudar o grupo doméstico, se começou a interessar como se aprendia a calcular na rua, no jogo, na economia doméstica etc.. As suas filhas começaram a ir à escola em VilaTuxe onde falavam galego. Em casa as línguas eram o Castelhana e o Inglês. E toda esta diversidade levava Iturra a pensar nas discontinuidades entre a casa e a escola. Embora a pesquisa aí realizada fosse centrada na vida económica, a ideia da aprendizagem para além da escola foi emergindo e viria a despertar o seu interesse pela Antropologia da Educação. Percebeu que as crianças eram educadas pela interação dentro do grupo onde vivem (cf. Iturra, 1997 e 2001).

A partir dos finais da década de 80, início de 90, Raul Iturra e a sua equipa de investigação iniciaram um conjunto de seminários fechados sobre Antropologia da Educação, à volta de temas como o insucesso escolar, a transgressão e a aprendizagem, a etnopsicanálise, o jogo e a aprendizagem, a oralidade e a escrita na aprendizagem, etc., em Portugal (Lisboa, Porto, Albergaria dos Doze, Alfândega da Fé, etc.) e em França (*Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales* e no *Collège de France*) com a participação de Maurice Godelier, Marie Elizabeth Handman, Françoise Zonabend, Pierre Bourdieu, Monique de Saint Martin, François Bonvin e Bernard Lahire.

Na recensão da obra *O Saber das Crianças* (Iturra, 1996), Luís Souta, professor de Antropologia da Educação na Escola Superior de Educação de Setúbal¹⁵, considera os cinco autores dos textos que compõem este livro (Raul Iturra, Amélia Frazão Moreira, Filipe Reis, Paulo Raposo, Ricardo Vieira) como uma equipa pioneira que lançou em Portugal a Antropologia da Educação. Comparando-a com os trabalhos de Antropologia da Educação americana que se tem preocupado com o sistema formal, diz que *O Saber das Crianças «trilha outros caminhos, não em torno de “problemas” mas na procura das virtualidades e potencialidades das crianças para aprenderem e entenderem o real. A sua pesquisa faz-se por isso a montante do sistema educativo, procurando compreender os mecanismos da aprendizagem informal, num processo que conduz naturalmente ao reconhecimento e valorização desses saberes.»* (Souta, 1997a: 353).

¹⁴ Dados apurados em entrevista com Raul Iturra, em 23 de Julho de 2004.

¹⁵ Luís Souta tem dado um contributo notável ao desenvolvimento da educação multicultural e da antropologia da educação em Portugal (1991, 1992, 1993, 1997a e 1997b).

As pesquisas de Telmo Caria sobre culturas de escola e culturas profissionais, bem como sobre o método etnográfico (Caria, 1994, 2000, 2003), e a de Amélia Frazão-Moreira sobre as classificações das crianças apreendidas do mundo adulto (Frazão-Moreira, 1994 e sobre etnobotânica (Frazão-Moreira, 2003), ambas orientadas por Raul Iturra e conducentes aos seus doutoramentos já terminados, engrossam a latitude da Antropologia da Educação que este tem feito desenvolver em Portugal.

Assumindo essa consciência e essa responsabilidade, Raul Iturra diz na Introdução ao livro *O Saber das Crianças*:

“Uma parte do grupo que comigo trabalha decidiu escrever sobre o saber das crianças. Sob a minha orientação, ao longo do tempo; e hoje sob a minha coordenação, queríamos definir processos e actividades que permitam ao leitor entender o dito saber. Começo por abordar uma forma particular de interacção entre ascendente e descendente: aquela através da qual um grupo social contextualiza ou quer contextualizar, a emotividade do mais novo para assegurar a reprodução, isto é, a continuidade histórica das pessoas sobre a terra [...].

Amélia Frazão-Moreira [...] analisa o processo de interacção que no interior de um grupo doméstico, (de uma aldeia de Trás-os-Montes), transmite saberes e contra saberes através das tarefas que constituem o trabalho doméstico (nutrição, arranjo doméstico, nas conversas sobre os amores e a afectividade, etc.). [...]

Filipe Reis [...] analisa a forma como a escola introduz as crianças na cultura escrita, a partir de uma experiência de terreno, numa aldeia da serra da Estrela. [...]

Paulo Raposo [...] regressou comigo à Beira Alta e observou os comportamentos rituais dos pequenos, colectando dados a partir dos quais foi capaz de concluir que o real é representado e manipulado pela pequenada que estamos a estudar aí.

Ricardo Vieira [...] procura explicar como o adulto de hoje é resultado do jovem e da criança que antigamente foi; esta análise é feita por meio de entrevistas e análises de histórias de vida de professores do ensino Básico” (Iturra, 1996:10 e 11).

A disciplina de Antropologia da Educação tem-se mantido como optativa para as licenciaturas de Antropologia Social, Sociologia e Psicologia Social (cf. anexos, parte IV), e tem sido coordenada por Raul Iturra e leccionada por este, por Filipe Reis e por Paulo Raposo, ora em colaboração conjunta, ora separadamente em termos de docência. De ano para ano, há algumas alterações pontuais em termos da ordem e da natureza das

temáticas abordadas mas, grosso modo, todos os programas abrangem o processo educativo na escola e fora da escola.

No ano lectivo de 1995/96, a disciplina envolveu convidados exteriores ao ISCTE na leccionação das aulas nº 7, 8, 9,10, 11 e 12, com os seguintes docentes e respectivos temas: Teimo Caria - problemas metodológicos e de investigação em contexto escolar; *Ricardo Vieira* - histórias de vida e biografias; Luis Souta - multiculturalismo e educação; Luis Silva Pereira - etnicidade e identidade nacional; Amélia Frazão - saberes secretos; José Veiga - A análise do jogo - tradicional/moderno.

Para além da disciplina que integra como optativa os currículos das licenciaturas do ISCTE já mencionadas, é de assinalar, como corolário de uma vasta investigação e prática de ensino no ISCTE, a criação do primeiro mestrado em Portugal de Antropologia da Educação (2003-2005), coordenado por Raul Iturra, e com a colaboração de docentes internos (Paulo Raposo e Miguel Vale de Almeida do Departamento de Antropologia Social do ISCTE) e externos (Amélia Frazão-Moreira da Universidade Nova de Lisboa, Darlinda Moreira da Universidade Aberta, Luís Souta da ESE de Setúbal, Telmo Caria da UTAD, Ricardo Vieira da ESE de Leiria e José Catarino da ESE de Setúbal).